

Nossa dívida chega a US\$ 100,92 bilhões este ano

A dívida externa bruta deverá alcançar US\$ 100,92 bilhões até o final do ano: US\$ 93,94 bilhões em compromissos de médio e longo prazos, e US\$ 6,98 bilhões, em débitos de curto prazo. Estes números, a serem submetidos a partir de hoje à representante do Fundo Monetário Internacional, Ana Maria Jul (foto), deverão ser alterados a partir do último trimestre do ano, quando então começarão a ser sentidos os efeitos da elevação dos juros externos, observada desde março.

Segundo o Banco Central, que divulgou estas informações ontem em Brasília, apenas 20% da dívida externa foram contratados a taxas fixas. Os restantes 80% foram aceitos a juros flutuantes: 70,8% da dívida acompanham a taxa do euromercado; 8,3%, a prime rate (juros que os bancos norte-americanos cobram de seus melhores clientes), e 0,9% outra taxa de referência.

No primeiro trimestre, o endividamento aumentou US\$ 1,16 bilhão e as reservas, US\$ 1,37 bilhão (alcançando US\$ 5,94 bilhões), em consequência da contenção do déficit em conta corrente no período em US\$ 290 milhões e o ingresso líquido de recursos externos de US\$ 3,5 bilhões.

Embora mantenha a projeção de superávit de US\$ 4,33 bilhões no balanço de pagamentos, o Banco Central elevou de US\$ 100,44 bilhões para US\$ 100,92 bilhões a estimativa da dívida externa bruta para o final deste ano. Ao longo dos três primeiros meses do ano, a dívida registrada — de médio e longo prazos — subiu de US\$ 81,32 bilhões para US\$ 85 bilhões, enquanto a não contabilizada, de curto prazo, caiu de US\$ 10,32 bilhões para US\$ 7,8 bilhões, como consequência da liquidação no período dos compromissos externos em atraso, de US\$ 2,34 bilhões.

Para o crescimento líquido de US\$ 3,68 bilhões na dívida registrada, ao longo do pri-



meiro trimestre, o Brasil contou com o ingresso líquido de US\$ 5,39 bilhões de recursos externos de médio e longo prazos e com a amortização de US\$ 1,75 bilhões. Para o período abril a dezembro deste ano, o Banco Central projetou ingresso de mais US\$ 15,22 bilhões para amortizações de US\$ 6,23 bilhões.

Caso a fase 3 da renegociação inclua, como pretende o governo, o fechamento das contas externas dos próximos três anos, as autoridades negociarão, somente de dívidas a vencer no período, US\$ 35,49 bilhões. Apenas na parcela da dívida registrada, o Banco Central reviu o perfil dos compromissos e anunciou que, no próximo ano, vencem US\$ 9,72 bilhões; em 1986, US\$ 12,77 bilhões, com o pico de US\$ 12,99 bilhões em 1987. Para este ano, as amortizações somam US\$ 7,99 bilhões, mas a fase 2 permitiu a rolagem automática de US\$ 6,27 bilhões.

No balanço de pagamentos do primeiro trimestre, o Banco Central registrou a "forte posição superavitária" de US\$ 2,68 bilhões, contra o déficit de US\$ 1,63 bilhão no mesmo período de 1983. O resultado de US\$ 290 milhões no déficit em conta corrente também foi significativo, diante dos US\$ 2,85 bilhões acumulados nos três primeiros meses de 1983. De janeiro a março último, a balança comercial teve superávit de US\$ 2,46 bilhões e ainda contou com saldo favorável de US\$ 30 milhões nas transferências unilaterais, o que reduziu o impacto do déficit de US\$ 2,78 bilhões na conta de serviços.

O déficit da conta de serviços caiu em relação aos US\$ 3,72 bilhões verificados no primeiro trimestre de 1983. Os gastos líquidos trimestrais com os juros da dívida externa caíram de US\$ 2,55 bilhões para US\$ 2,14 bilhões, em razão da queda na taxa média paga pelo Brasil de 13,43% ao ano em 1983 para 10,48% este ano.